

# Estação eneolítica de Parede

## Notícia do seu achado

POR

Eduardo Prescott Vicente e Eduardo  
da Cunha Serrão

---

### I — Descoberta da estação, sua situação e meio arqueológico

Paredes, sede de freguesia do Concelho de Cascais, é actualmente uma das mais populosas e progressivas povoações da Costa do Sol. Porém, ainda nos últimos anos do século XIX não passava de uma modesta aldeia saloia, rodeada por pedreiras em activa exploração, constituída por casas pobres, cuja distribuição desordenada desenhava uma planta irregular de ruelas tortuosas, becos e pequenos largos assimétricos.

Ainda hoje, há recantos que evocam a antiga Parede, no bairro designado por «Paredes Velhas», que se situa, *grosso modo*, ao norte da antiga estrada de Cascais a Lisboa, em terreno inclinado, entre cotas 30 e 60. Não se vê aí qualquer construção, ruína que seja, a sugerir grande antiguidade ou a marcar com nitidez qualquer momento da sua história, mas que saibamos, a povoação já existia no século XVI <sup>(1)</sup> e esta certeza leva-nos, sem

---

(1) Uma postura datada de 16 de Janeiro de 1598, constante do Código das Posturas Camarárias de Cascais que se guarda no Museu-Biblioteca do Conde de Castro Guimarães, refere-se aos «moradores de Paredes».

Será um dos mais antigos documentos existentes que cita a povoação.

Não investigámos se o seu nome consta de outros anteriores por não se tratar de problema que especialmente nos ocupe agora.

dificuldade, a admitir maior idade ainda. Qual seja, é uma questão obscura, dada a escassez de documentação relativa à Parede dos tempos históricos.

Seria possível levar as suas origens até à época eneolítica, uma vez que encontramos, em 1953, nas condições que adiante descrevemos, uma estação dessa época, junto de «Parede Velha», com todas as probabilidades restos de um povoado. Mas há um óbice, que é não se saber ainda o que aí se passou durante o tempo que separa os dois núcleos populacionais cuja existência está documentada. Falta preencher uma enorme solução de continuidade que pode corresponder a mais de três milénios de solidão e, só provando-se que não foi assim, teria o achado da estação, do ponto de vista das origens de Parede, um interesse total. Então atribuir-lhe-íamos, sem reservas, uma idade respeitável, cerca de 4.000 anos de existência.

De um facto, porém, não resta dúvida e temos agora mais uma prova: é que toda a região costeira entre a foz do Tejo e Cascais e seu *hinterland*, teve, nessas épocas recuadas, atractivos que permitiram o estabelecimento de populações eneolíticas (1), haja ou não coincidência quanto aos locais escolhidos para tal, no passado e no presente.

E não resta dúvida porque, considerando apenas o concelho de Cascais, podíamos contar, anteriormente à descoberta da estação de Parede, seis estações dessa época (2) a saber:

---

(1) «Dos tempos eneolíticos é o Concelho de Cascais particularmente rico.» Afonso do Paço e Fausto J. A. de Figueiredo — *Esboço Arqueológico do Concelho de Cascais*, em Boletim n.º 1 do «Museu-Biblioteca do Conde de Castro Guimarães». Cascais, 1943, págs. 10 e 11.

(2) Na publicação da Junta de Turismo de Cascais, *Curiosidades Arqueológicas do Concelho de Cascais — Alapraia e S. Pedro* — 1946 — pág. 8, citavam-se ainda apenas 5: «...um povoado no Estoril, sepulturas em Alapraia, Cascais, Porto-Covo e S. Pedro do Estoril».

*Necrópoles :*

- Próximo de Alcabideche — A gruta natural de Porto Covo (1);  
Em Cascais — As grutas naturais do Poço Velho (2);  
Em S. Pedro do Estoril — Duas grutas artificiais próximas da  
Pedra do Sal, na parte superior das arribas (3);  
Em Alapraia — Quatro grutas artificiais (4).

(1) Explorada pelo arqueólogo Carlos Ribeiro em 1879.

Foi uma necrópole da época eneolítica, pobre em cerâmica e outro mobiliário.

Afonso do Paço — *As Grutas do Poço Velho ou de Cascais*, Separata do tomo XXII das Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal, Lisboa, 1942, pág. 44.

Afonso do Paço e Maxime Vaultier — *A Gruta de Porto-Covo*, Comunicação ao Congresso Luso-Espanhol de 1942, no Porto.

(2) Exploradas em 1879 por Carlos Ribeiro e descritas por Cartailhac, sumariamente pela primeira vez em 1884, depois com alguma minúcia em *Les Âges Préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*, 1886.

Em 1942, o arqueólogo Afonso do Paço estudou esta necrópole minuciosamente, bem como o espólio que continha, na obra citada, *As Grutas do Poço Velho, etc.*

É considerada da época eneolítica e o seu conteúdo arqueológico manifesta sintomas peculiares da cultura do vaso campaniforme, embora se note a ausência de exemplares ou fragmentos de tal vaso.

(3) Esta necrópole foi descoberta pelo Dr. Leonel Ribeiro em 1944 e o seu espólio encontra-se no Museu-Biblioteca do Conde de Castro Guimarães, em Cascais. Os materiais são de tipologia eneolítica e campaniforme (vasos e taças, algumas destas com pé tronco-cónico).

*Curiosidades Arqueológicas do Concelho de Cascais — Alapraia e S. Pedro* — publicação já citada — págs. 23 e 29.

(4) A primeira foi comunicada em 1889 por Paula e Oliveira e a segunda explorada por Eugénio Jalhay e Afonso do Paço de 1932 a 1935. Esta necrópole, considerada eneolítica, é riquíssima em espólio, destacando-se os exemplares de vasos campaniformes e de taças do tipo de Palmela. Os conteúdos das grutas III e IV manifestaram interesse arqueológico muito menor.

Eugénio Jalhay e Afonso do Paço — *A Gruta II da Necrópole de Alapraia*, Separata dos «Anais da Academia Portuguesa da História» (vol. IV) — 1941.

*Restos de povoados ou como tal considerados:*

No Estoril — Uma estação de superfície da qual resta apenas algum espólio <sup>(1)</sup>;

No Murtal — Uma estação inédita <sup>(2)</sup>.

Seis estações então conhecidas, sete hoje (Est. 1), e ainda diversos achados de materiais dispersos, por vezes difíceis de atribuir a uma época precisa — neolítica ou eneolítica por exemplo — e sem que tivesse sido possível determinar outras estações de onde proviriam.

Talvez que uma ou outra peça tenha sido perdida longe de qualquer povoado (ou necrópole) por aqueles que há alguns milhares de anos as utilizaram; no entanto, o achado da estação de Parede corrobora, como se verá, a hipótese de que essas peças provenham de estações ainda desconhecidas e se encontrassem à superfície em resultado de trabalhos agrícolas ou de

---

(1) No Estoril, em 1915, durante os trabalhos de terraplanagem necessários para o ajardinamento do parque, fez o Dr. Félix Alves Pereira achados de espólio que se encontra no Museu do Carmo.

É uma estação hoje considerada da época eneolítica, em consequência de estudos feitos pelo professor Breuil sobre o seu material lítico (sílex). Seguindo a opinião mais aceite, tratar-se-ia de restos de um povoado.

F. Alves Pereira — *Antiquitas — V-VIII — Estação Pré-histórica do Estoril* — «O Archeólogo Português», vol. XXI, Lisboa, 1916, págs. 210-221.

Mesmo autor — *A Antiguidade no Concelho de Cascais*, «A Nossa Terra», Cascais, 1917.

Afonso do Paço e Maxime Vaultier — *Estação Eneolítica do Estoril*, Comunicação apresentada à 7.<sup>a</sup> Secção do Congresso Luso-Espanhol de 1942, no Porto — 1943.

(2) Descoberta em 1944 pelo Dr. Leonel Ribeiro, está ainda inédita. Os materiais recolhidos caracterizam uma estação eneolítica, talvez restos de um povoado.

fenómenos naturais — erosão provocada pelas chuvas e vento, desabamentos de terras, etc. — que apenas em alguns pontos descobrissem a camada arqueológica.

Num trabalho do arqueólogo Afonso do Paço e de Fausto do Amaral Figueiredo (1) enumeram-se alguns locais do concelho que, nas condições referidas, isto é, acidentalmente, forneceram espólio considerado neolítico (2): «Temos depois os (materiais da pedra polida ou do neolítico... encontrados nas imediações de Carcavelos e Parede (3), na Malveira e, perto de Cascais, na Ribeira das Vinhas e num pinhal a noroeste desta Vila».

Esclarece-nos o «Archeologo Português» de que esses materiais encontrados nas imediações de Carcavelos e Parede, caso que nos interessa especialmente, são «três instrumentos de pedra» provenientes de «entre» as duas povoações e foram oferecidos ao «Museu Ethnographico Português», na última década do século passado, pelo «estudante Snr. Júlio Navarro» (4).

Mas, a possibilidade da existência de outras estações na região em causa não se basearia apenas nos achados referidos.

---

(1) *Esboço Arqueológico do Concelho de Cascais* — publicação já citada — pág. 10.

(2) Certos instrumentos de pedra polida da época eneolítica, encontrados isoladamente, isto é, desacompanhados de espólio que lhes atribua cronologia, podem, como é sabido, ser tomados como neolíticos.

(3) Também Luis Chaves se refere a achados em Carcavelos e Parede, nos seguintes termos:

«À superfície do solo, sem monumentos reveladores, topamos com objectos da mesma Idade (eneolítica) em Oeiras, Carcavelos, Parede, Caneças, Portela, Sacavém...»

*Belém na Prehistória*, «Boletim Cultural e Estatístico», volume I — Câmara Municipal de Lisboa — Lisboa, 1937, págs. 175 a 184.

(4) «O Archeologo Português», volume III, Lisboa, 1897, pág. 108. «Aquisições do Museu Ethnographico Português», n.º 62.

Podê-la-famos inferir das seguintes circunstâncias que serão aqui, como em muitas outras regiões, estímulo a que as desvendemos: Em primeiro lugar e como é evidente, não podemos considerar provável que o acaso tivesse proporcionado a revelação de todas; depois, se observarmos o tipo das estações que enumerámos e as suas posições relativas, notaremos que, pelo menos na maioria dos casos, aos povoados (apenas o Estoril e Murtal seriam povoados), faltam as necrópoles correspondentes e também se desconhecem os povoados cujos habitantes depositavam os seus mortos nas necrópoles conhecidas.

Para que efectuássemos, nos arredores de Parede, as prospecções cujos resultados descrevemos nesta notícia, os factos referidos foram estímulos de ordem, digamos, secundária, até mesmo os achados de Júlio Navarro, que, no entanto, já determinavam, embora vagamente, uma região que merecia ser inspeccionada. O ponto de partida foi o conhecimento directo que tivemos de outro achado, este inédito e que, por nos parecer relacionar-se com os de J. Navarro, nos induziu à forte suspeita de que, próximo de Parede, mais provavelmente a leste de Parede, haveria uma estação pré-histórica neolítica ou eneolítica.

Habitámos Parede durante largos anos, sendo até um de nós (E. P. V.) natural dessa povoação. Estávamos, portanto, em óptima posição para captarmos quaisquer sintomas de carácter arqueológico que a estranhos à região escapariam mais facilmente. Assim, o nosso amigo, o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Telmo Pereira Alves, que então residia em Parede, informou-nos, em 1952, de que seu avô, o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Francisco Octaviano Augusto Pereira, havia encontrado, num dos terrenos que possuiu nos arredores de «Parede Velha», uma goiva (Est. VI, fig. 29) de tipo semelhante às de Cascais, a qual nos foi gentilmente oferecida.

Quando tivemos conhecimento do facto, não era já possível determinar o local exacto onde tinha sido achado tal instrumento,

pois o seu achador falecera havia já bastante tempo. Sabia-se apenas que provinha de uma das suas propriedades, mas algumas tinham sido alienadas em épocas diversas e nem já os seus descendentes eram capazes de as identificar a todas. Resolvemos, portanto, efectuar pesquisas sistemáticas em todos os terrenos situados próximo e a leste do bairro antigo de Parede, locais estes mais prometedores, em presença das informações que nos guiavam.

Em 16 de Setembro de 1953, inspeccionámos um pequeno vale a leste de «Parede Velha» onde passa uma linha de água e, na sua encosta oeste, no talude de um caminho de pé posto (Est. II, n.º 1 e Est. III, fig. 1), encontrámos fragmentos de cerâmica de pasta muito antiga. Seguidamente e no mesmo local, apareceu um fragmento de bordo denteado (Est. IV, fig. 3 e Est. VI, fig. 41) e outro com decoração incisa (Est. IV, fig. 10 e Est. VI, fig. 45). Estes achados fizeram-nos crer que seguíamos uma boa pista.

Reconhecemos então que estávamos a poucos metros a nordeste de um terreno que fora do achador da goiva, onde haviam sido recentemente abertos arruamentos para construção do «Bairro Octaviano» (recordemos que «Octaviano» era um dos nomes do antigo proprietário do terreno). Examinámos os taludes de tais arruamentos e encontrámos bastante cerâmica, alguns fragmentos com decoração, sílices trabalhados e um machado de pedra polida, peças suficientes para caracterizarem a existência de uma estação pré-histórica.

Definamos mais precisamente o local da estação onde, em inspecções posteriores, achámos novos materiais. Situa-se na encosta E. e SE. da elevação onde assenta «Parede Velha» entre as cotas 35 e 45. Dista do mar, em linha recta N-S, cerca de 900 m e está mesmo junto ao velho bairro (Est. II, A e B), senão em alguns pontos sob as suas antigas casas.

Os terrenos do local são do cretácico «Cenomaniano», havendo próximo alguns afloramentos de basalto.

## II — Condições de jazida

A estação consiste numa camada arqueológica que deveria ter sido de grande superfície. Os arruamentos do moderno «Bairro Octaviano», em início de construção quando a encontrámos, e a abertura dos caboucos dos prédios destruíram-na em parte (1953). É de prever o seu desaparecimento total dentro em breve, dada a forma como, de ano para ano, aí se multiplicam as edificações.

Hoje, a zona que ainda poderá fornecer os elementos indispensáveis ao esclarecimento das hipóteses constantes desta notícia é aquela onde, segundo nos disseram, a Câmara Municipal de Cascais projecta construir uma escola. O que resta está, portanto, em terreno da Câmara que se situa a Oeste da Rua Bernardim Ribeiro (Est. II, terreno A) e terá uma superfície aproximada de 7.500 m<sup>2</sup>.

Em 1953, a camada estava bem patente em todos os taludes dos arruamentos abertos havia poucos anos e que na planta marcamos com tracejado (Est. II). Continua ainda evidente nos taludes sueste e nordeste do referido terreno da Câmara. Começa a uma profundidade média de 30 cm e tem de espessura cerca de 40 cm. Assenta sobre uma zona de terra compacta, avermelhada e sem espólio e, em alguns pontos, sobre rocha calcária (Est. III, fig. 2).

O conteúdo da camada arqueológica é, na parte visível, o seguinte: terra escura e menos compacta do que a da camada inferior; pedras de várias dimensões, por vezes amontoadas,



podendo admitir-se que tal disposição resulte do desmoronamento de paredes de construções; cerâmica, escasseando a decorada; sílices, abundando os resíduos de fabricação; raros utensílios de pedra polida ou osso; poucos ossos de animais e muitas conchas de moluscos (veja-se «materiais»).

Em alguns dos taludes, a configuração da camada arqueológica fez-nos supor a existência de fundos de cabana que teriam estado em nível inferior ao do solo de então. Aí apareceram carvões, restos de alimentos (ossos e conchas), cerâmica não decorada e pedras.

As terras retiradas das valas abertas para a feitura dos arruamentos e caboucos dos prédios em construção ofereceram-nos também espólio. No terreno já aplanado para servir de quintal de uma construção inacabada, encontramos fragmentos de instrumentos polidos, o que dá a nota da quantidade de espólio perdido para sempre e que ninguém notou.

No entanto, apesar de ter destruído grande parte da camada arqueológica, a construção do bairro revelou-nos factos e pormenores de grande valor. Diremos até que de outra forma não teríamos encontrado a estação, pois, na superfície das terras entre os arruamentos, não se vê espólio e os primeiros achados do talude a leste seriam insuficientes para definir algo com interesse.

### III — Materiais

Os materiais recolhidos não são muitos nem muito variados, mas outra coisa não seria de esperar, visto que, praticamente, só pudemos pesquisar nos locais onde a camada arqueológica é cortada pelos taludes dos arruamentos (camada arqueológica vista de topo).

Assim, relacionaremos apenas o espólio seguinte:

A — CERÂMICA.

Muitos fragmentos sem decoração

7 fragmentos com decoração incisa

1 fragmento com mamilo

49 fragmentos de bordos sem decoração

2 fragmentos de bordos denteados

2 fragmentos de pratos.

*Pastas* — Predomina a pasta grosseira, contendo bastantes grãos de areia. É este o tipo da pasta dos fragmentos com decoração incisa.

As colorações são variadas, desde o quase negro ao vermelho.

Há também exemplos de pastas finas, notando-se que correspondem sempre a vasos cujas paredes eram mais delgadas. São típicos deste género de cerâmica, vários fragmentos de um vaso esferóide de paredes finas — 5 a 6 mm — que nos parece de época posterior à da maior parte da cerâmica desta estação (Est. VI, fig. 55). A pasta é vermelha nas superfícies interna e externa. Encontrámo-los na cova aberta no talude de um arruamento para colocação de um poste de iluminação.

*Forma dos vasos* — Pelo exame dos fragmentos maiores, podemos concluir que a forma mais frequente é a esferoidal e a mais rara a cilíndrica.

Há bastantes exemplares de perfis carenados (Est. IV, figs. 14 a 16 e Est. VI, figs. 56 a 58) e alguns fragmentos de pratos (Est. IV, fig. 17 e Est. VI, fig. 54).

Os tipos de bordos são muito variados, destacando-se o de

um grande vaso talvez esferoidal, com a boca circundada por grosso rebordo (Est. IV, fig. 19 e Est. VI, fig. 53). A pasta deste fragmento é escura e bastante grosseira.

Os fragmentos decorados são tão pequenos que não permitem se distingua a forma dos vasos a que pertenceram.

*Decorações* — Os bordos denteados (Est. IV, figs. 3 e 4 e Est. VI, figs. 41 e 42) aparecem com muita frequência nas estações eneolíticas portuguesas. Um dos fragmentos de bordo denteado, que encontrámos em Parede, tem um orifício para suspensão.

Num fragmento sem decoração incisa, nota-se um mamilo (Est. IV, fig. 5 e Est. VI, fig. 43) que não sabemos seria elemento decorativo (decoração mamilar) ou pequena protuberância para servir de pega.

Os tipos de decoração incisa (todos a linha contínua) que os sete fragmentos relacionados apresentam, são os seguintes:

— Linha simples contornando o bordo (Est. IV, fig. 6 e Est. VI, fig. 46);

— Sulcos largos e pouco profundos paralelos (Est. IV, fig. 7 e Est. VI, fig. 44). Em Olelas, numa *tholos* que explorámos, encontrámos alguns exemplares com decoração semelhante;

— Ranhuras paralelas (Est. IV, fig. 12 e Est. VI, fig. 51); o único exemplar que possuímos com este elemento decorativo está muito danificado e mal deixa entrever o efeito que se pretendia obter;

— Linhas horizontais combinadas com oblíquas (Est. IV, figs. 8 e 9 e Est. VI, figs. 47 e 48);

— Linhas quebradas combinadas com feixes de linhas paralelas (Est. IV, fig. 10 e Est. VI, fig. 45);

— Linhas paralelas, cruzadas obliquamente com outras paralelas (Est. IV, fig. 11 e Est. VI, fig. 49);

— Alinhamentos de incisões oblongas e profundas, preenchidas com substância branca para dar realce ao conjunto decorativo. A zona assim decorada está dividida por uma incisão linear de outra zona sem decoração (Est. IV, fig. 13 e Est. VI, fig. 50).

A aplicação de pasta branca a fazer realçar incisões pode notar-se em alguns exemplares da cerâmica da cultura espanhola das «grutas» e da cerâmica campaniforme, embora haja quem atribua o facto ao depósito de substâncias calcárias resultante da natureza química dos terrenos, se estes forem calcários ou gipsosos (1).

Salientamos, no entanto, que nenhum outro fragmento de cerâmica, decorada ou não, proveniente de Parede nos aparece com tais incrustações. Alguns têm agregada uma matéria avermelhada ou castanha-escura, quase incorporada na pasta da cerâmica, nas zonas decoradas ou não; o mesmo se vê em algumas peças de sílex e de quartzo. Só no fragmento em questão e só nas incisões oblongas (não em todas, porque se teria desagregado em algumas) se pode observar a referida substância branca, o que nos leva a ter como muito provável que resulte de intenção decorativa e não do acaso.

A propósito de um vaso campaniforme proveniente de Alapraia, cujas incisões estão preenchidas com «uma substância branca calcária», Eugénio Jalhay e Afonso do Paço (2) emitem

---

(1) Alberto del Castillo — *La Gran Cultura Hispánica del Pleno Eneolítico: El Vaso Campaniforme*. Capítulo III da «História de España». Tomo I. Madrid, 1947. Pág. 604.

(2) Eugénio Jalhay e Afonso do Paço — Obra citada: *A Gruta II... etc.* Pág. 136.

opinião também favorável à origem intencional do facto, manifestando, como nós, estranheza por aparecerem numa mesma estação vasos com tais incrustações e outros não.

Determinado tipo de cerâmica de pasta negra característica da cultura de «Tasa» (Egito), também apresenta decoração constituída por incisões preenchidas com pasta branca. Parece que, neste caso, (desenhos a branco sobre fundo negro) é evidente o propósito de fazer sobressair a decoração (1). É curioso notar, ainda, que os motivos lembram aqueles que se vêem com frequência na cerâmica eneolítica da Península Ibérica (motivos geométricos dispostos em zonas, tais como, feixes de linhas horizontais paralelas, linhas em ziguezague, etc.), mas, não haverá ainda elementos que permitam estabelecer relacionamento directo entre as cerâmicas citadas (2) cujas decorações apresentam, no entanto, duas semelhanças flagrantes.

#### B — ESPÓLIO LÍTICO.

*Sílex* — 10 fragmentos de lâminas simples de secção triangular e trapezoidal (Est. V, figs. 21 a 26 e Est. VI, figs. 34 a 39);

— 2 raspadores (Est. VI, fig. 33);

— Vários fragmentos de núcleos (Est. VI, fig. 32) e outros pequenos fragmentos de artefactos indefinidos.

---

(1) V. Gordon Childe — *L'Orient Préhistorique*. «Bibliothèque Historique». Paris, 1935, pág. 60. «... les gobelets tasiens sont décorés de lignes incisées remplies de pâte blanche qui font ressortir la décoration».

(2) V. Gordon Childe — Obra citada: *L'Orient Préhistorique*, pág. 61. «... en Europe Occidentale apparaissent des vases identiques... cependant... nous hésiterons à établir entre les uns et les autres une relation directe».

*Quartzo* — 2 raspadores (Est. V, fig. 27 e Est. VI, fig. 31).

*Diorite e anfibolite* — 1 machado de secção transversal rectangular fragmentado ( $9,5 \times 5,7 \times 3,6$ ) tendo servido posteriormente de percutor (Est. V, fig. 20 e Est. VI, fig. 30);

— Vários fragmentos de outros instrumentos de pedra polida, destacando-se um pela perfeição do polimento.

*Grés* — Uma pequena mó manuária;

— Um fragmento de polidor de contorno trapezoidal e secção rectangular.

*Ardósia* — Um fragmento espesso, com evidentes sinais de afeiçãoamento, talvez resíduo de fabricação das placas de ardósia usadas como ídolos ou amuletos. Já vimos peças deste tipo mais completas, no espólio proveniente de Cova da Moura, que se encontra no Museu de Torres Vedras.

*Outras rochas duras* — Alguns percutores e bastantes seixos rolados de diversas dimensões com sinais de uso.

#### C — ARTEFACTOS DE OSSO.

Um utensílio partido. A extremidade existente foi arredondada e boleada. Desconhecemos qual teria sido a sua aplicação (Est. V, fig. 28 e Est. VI, fig. 40).

#### D — ESPÓLIO OSTEOLÓGICO.

Na camada arqueológica, encontrámos, em vários locais, alguns fragmentos de ossos muito corroídos. O seu estado de conservação não permitiu que identificássemos as espécies a que

pertenceram. É de supor sejam restos de alimentos já que nenhum dos fragmentos nos parece ter pertencido a osso humano.

A este respeito, mantemos, porém, a maior das reservas, atendendo à alteração de conceitos sobre a natureza da estação que produziria o aparecimento de ossos humanos, surpresa que, assim como muitas outras, poderá resultar da exploração total da camada.

#### *E* — ESPÓLIO MALACOLÓGICO.

A camada arqueológica vista de topo, ofereceu-nos, como vimos, espólio escasso.

O mesmo, porém, não se pode dizer relativamente aos abundantes restos de moluscos que pudemos recolher.

Evidentemente, não nos referiremos a achados superficiais que poderiam resultar de factos não relacionados com os restantes achados (recordemos que as casas da «Parede Velha» estão bem próximas) mas sim aos que fizemos, na camada arqueológica, junto às pedras que podem ter pertencido às cabanas arruinadas, de mistura com cerâmica, sílex, etc.

As conchas, ou seus fragmentos, que conseguimos identificar (alguns fragmentos são muito pequenos ou estão muito alterados) são dos moluscos univalvos e bivalvos dos seguintes géneros:

##### a) *Univalvos*:

*Triton*; *Ranella*; *Trochus*; *Trochocochlea* (bastantes exemplares);  
*Purpura*; *Patella* (bastantes exemplares).

##### b) *Bivalvos*:

*Pecten*; *Tapes*; *Mytillus* (bastantes exemplares).

Os moluscos, cujas conchas inteiras ou fragmentadas apareceram em maior quantidade, são aqueles que presentemente mais abundam nas praias próximas, fáceis de apanhar na baixa-mar, os do género *Patella* (lapa) e *Mytilus* (mexilhão) fixos às rochas e *Trochocochlea* (burrié ou caramujo) sobre as rochas e sobre as algas.

Nenhuma concha ou seu fragmento apresenta perfuração ou vestígio de qualquer trabalho. Assim, não admitiremos que tenham pertencido a objectos de adorno. Deve, portanto, tratar-se de restos de alimentos, hipótese que é reforçada pela grande quantidade de exemplares encontrados e pelo facto de se verificar que todos os moluscos identificados são de espécies comestíveis.

#### IV — Conclusões

A grande extensão da camada arqueológica (assim nos pareceu em 1953 — Veja-se «Condições de jazida») e a regular distribuição do espólio na parte visível dessa camada, principalmente o facto de termos observado em corte, num dos taludes, aspectos característicos de «fundos de cabana», são elementos que nos permitem ter como provável tratar-se de restos de um povoado.

Talvez seja prematuro, dispondo de tão escassos materiais e de outros insuficientes indícios, estabelecer a cronologia da estação. No entanto, não podemos desde já deixar de notar a feição eneolítica da maior parte da cerâmica ornamentada que encontramos.

Assim, as decorações a linha incisa contínua, formando motivos geométricos (Est. IV, figs. 8 a 11 e Est. VI, figs. 45, 47 a 49), são típicas da cerâmica proveniente das estações portuguesas consideradas eneolíticas, embora nos apareçam até em estações da idade do ferro como acontece, por exemplo, no Castro da



Penha (Guimarães) (1). Portanto, a cerâmica de Parede com estas decorações não será, pelo menos, de épocas anteriores à eneolítica uma vez que, em tais épocas só é conhecida (na Península) cerâmica com decorações semelhantes na cultura central das grutas (2).

Por sua vez, os bordos denteados (Est. IV, figs. 3 e 4 e Est. VI, figs. 41 e 42) género decorativo que, na opinião de alguns arqueólogos, denotará uma influência da cerâmica com relevos da cultura eneolítica central da Península (3), é abundante, como já referimos, em estações portuguesas consideradas eneolíticas, tais como: Alapraia (3), Olelas (4), Negrais (5), Licêa (6) e Montes Claros (7).

Notemos ainda que a decoração constituída por ponteados profundos cheios de substância branca, que em Parede é evidente

---

(1) A. A. Mendes Corrêa — *A Lusitânia Pré-Romana*, em «História de Portugal». Barcelos, 1928, pág. 128 do vol. 1 — 2.<sup>a</sup> gravura.

(2) Eugénio Jalhay e Afonso do Paço — Obra citada: *A Gruta II... etc.* Pág. 131: «Nos períodos imediatamente anteriores ao eneolítico só a cerâmica da cultura central das grutas aparece com os seus enfeites em relevo ou incisos»

(3) Eugénio Jalhay e Afonso do Paço — Obra citada: *A Gruta II... etc.* Págs. 135 e 136.

(4) Eduardo Prescott Vicente e Eduardo da Cunha Serrão — *O Castro eneolítico de Olelas — Breve notícia* — Porto, 1951, pág. 23.

(5) Eduardo da Cunha Serrão e Eduardo Prescott Vicente — *Note Préliminaire sur la Station énéolithique de Negrais*. Comunicação apresentada ao IV Congresso Internacional de Ciências Pré-históricas e Proto-históricas. Cap. III. c) «Céramique».

(6) Carlos Ribeiro — *Notícia de algumas Estações e Monumentos Prehistóricos: I — Notícia da Estação Humana de Licêa*. Lisboa, 1878, pág. 46.

(7) Eugénio Jalhay, Afonso do Paço e Leonel Ribeiro — *Estação Pré-histórica de Montes Claros — Monsanto*. Separata dos n.ºs 20 e 21 da «Revista Municipal». Lisboa, 1945, pág. 16.

num fragmento (Est. IV, fig. 13 e Est. VI, fig. 50), aparece também em Vila Nova de S. Pedro <sup>(1)</sup>, estação que cronologicamente se situa entre o Bronze I avançado e possivelmente o Argárico. Em Alapraia — necrópole eneolítica — também um vaso campaniforme apresenta incrustações de substância branca, mas preenchendo incisões de diferente tipo <sup>(2)</sup>. Palmeira e Ciempozuelos também oferecem exemplos desta técnica decorativa.

Parece, portanto, fundamentada a razão por que não nos repugna considerar de tipologia eneolítica a cerâmica decorada da estação de Parede. Algumas espécies definidas por pastas (pastas finas de vasos com paredes delgadas e sem decoração; Est. VI, fig. 55) e perfis (perfis carenados; Est. IV, figs. 14 a 16 e Est. VI, figs. 56 a 58) que não nos falaria em tal época (eneolítica), não prejudicam os sintomas predominantes que são as decorações que salientámos.

Mas, há que justificar a razão de tal variedade de tipos de cerâmica. Mesmo carecendo, por enquanto, de provas estratigráficas, admitiremos que o facto resulta do local ter sido habitado em diversas épocas pré-históricas, e até na proto-história se forem tão pouco arcaicos quanto nos parecem alguns dos exemplares cerâmicos.

A pobreza de formas dos restantes materiais — de sílex, apenas poucos raspadores e lâminas de secção triangular e trapezoidal — quase nada nos diria se os apreciássemos isoladamente. A seu respeito só poderemos comentar que não destoam

---

(1) Eugénio Jalhay e Afonso do Paço — *El Castro de Vilanova de San Pedro*. Madrid, 1945, pág. 56. — «Dan asunto para decoracion también los puntillados profundos (fig. 7 num 15, 19 y 20) rellenos a veces de una sustancia blanca que produce efecto excelente».

(2) Eugénio Jalhay e Afonso do Paço — Obra citada: *A Gruta II... etc.* Pág. 136.

do aspecto predominantemente eneolítico da cerâmica, especialmente o machado (Est. V, fig. 20 e Est. VI, fig. 30) cuja secção transversal sub-rectangular denota uma forma um tanto evoluída para que possa ser artefacto de época anterior.

Sobre o modo de vida dos habitantes do provável povoado, apenas possuímos elementos que nos permitem vislumbrar — tendo em consideração o abundante espólio malacológico — que as espécies de moluscos fáceis de apanhar nas praias próximas constituiriam a base da sua alimentação.

Todas estas conjecturas poderão ser confirmadas ou corrigidas quando se proceder ao estudo da camada arqueológica que se encontra no terreno situado junto à Rua Bernardim Ribeiro e que pertence à Câmara Municipal de Cascais. Estamos certos de que, antes da construção da escola, não se perderá a possibilidade de colher toda a documentação que esse extracto contém, muito especialmente o que houver a registar sobre estratigrafia.

\*

\* \*

O que sabemos acerca da estação de Parede, não é muito, como se vê. Pouca luz projecta ainda sobre os vários problemas relativos à época a que com bastantes probabilidades pertence. De momento e a serem fundamentadas as nossas deduções sobre cronologia, o achado da estação é apenas mais uma prova do intenso povoamento das regiões vizinhas da foz do Tejo na época eneolítica, que era então um dos mais importantes pontos de convergência das vias marítimas, fluviais e terrestres da Península Ibérica <sup>(1)</sup>, onde se teriam permutado principalmente

---

(1) V. Gordon Childe — *L'Aube de la Civilisation Européenne*. Paris, 1949, pág. 301. «A Alapraia, sur l'estuaire du Tage, et à Palmella, plus loin au Sud,

os metais (1) ou existentes no local — o ouro (2) — ou provenientes de regiões próximas — o estanho (3) — pelos produtos manufacturados trazidos directa ou indirectamente das suas origens pelos povos navegadores do Mediterrâneo representantes de culturas mais evoluídas (4).

Abril de 1955.

---

de telles tombes forment des cimetières réguliers, contigus à des communes fortifiées au sommet des collines comme à los Millares. Comme ceux d'Almería, d'Andalousie, d'Algarve, ces cimetières se trouvent en des points centraux où aboutissent routes terrestres et maritimes».

(1) V. Gordon Childe — Obra citada: *L'Aube... etc.* Pág. 306. «Ils... (colonos provenientes do Mediterrâneo)... auraient fondé sur les côtes Atlantiques un établissement servant de base à leurs recherches de pierres précieuses et de métaux.

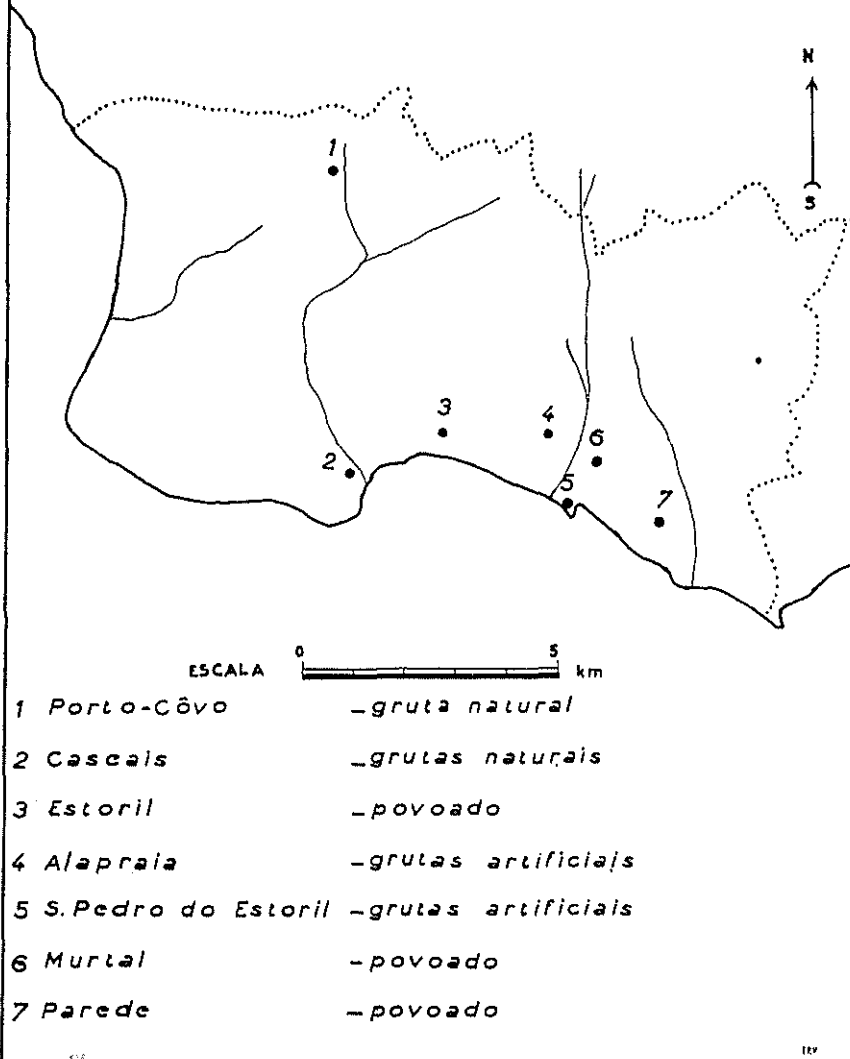
(2) Alberto del Castillo — *La Gran Cultura Hispánica del Pleno Eneolítico*. Tomo 1 da «História de España». Madrid, 1947, pág. 633. «...asi como otro metal que ellos (os ibéricos occidentais) tienen: el oro».

(3) Eduardo Prescott Vicente e Eduardo da Cunha Serrão — Notícia citada: *O Castro Eneolítico de Olelas*. Págs. 12 a 15.

(4) V. Gordon Childe — Obra citada: *L'Aube... etc.* Pág. 306.

Colonos provenientes não de um centro conhecido do Mediterrâneo Oriental, mas de uma metrópole secundária da África do Norte, equiparável a Cartago em época posterior, teriam sido ajudados pelos almerienses «à poursuivre leur marche jusqu'au Portugal, riche en ressources métalliques».

## ESTAÇÕES ENEOLÍTICAS DO CONCELHO DE CASCAIS



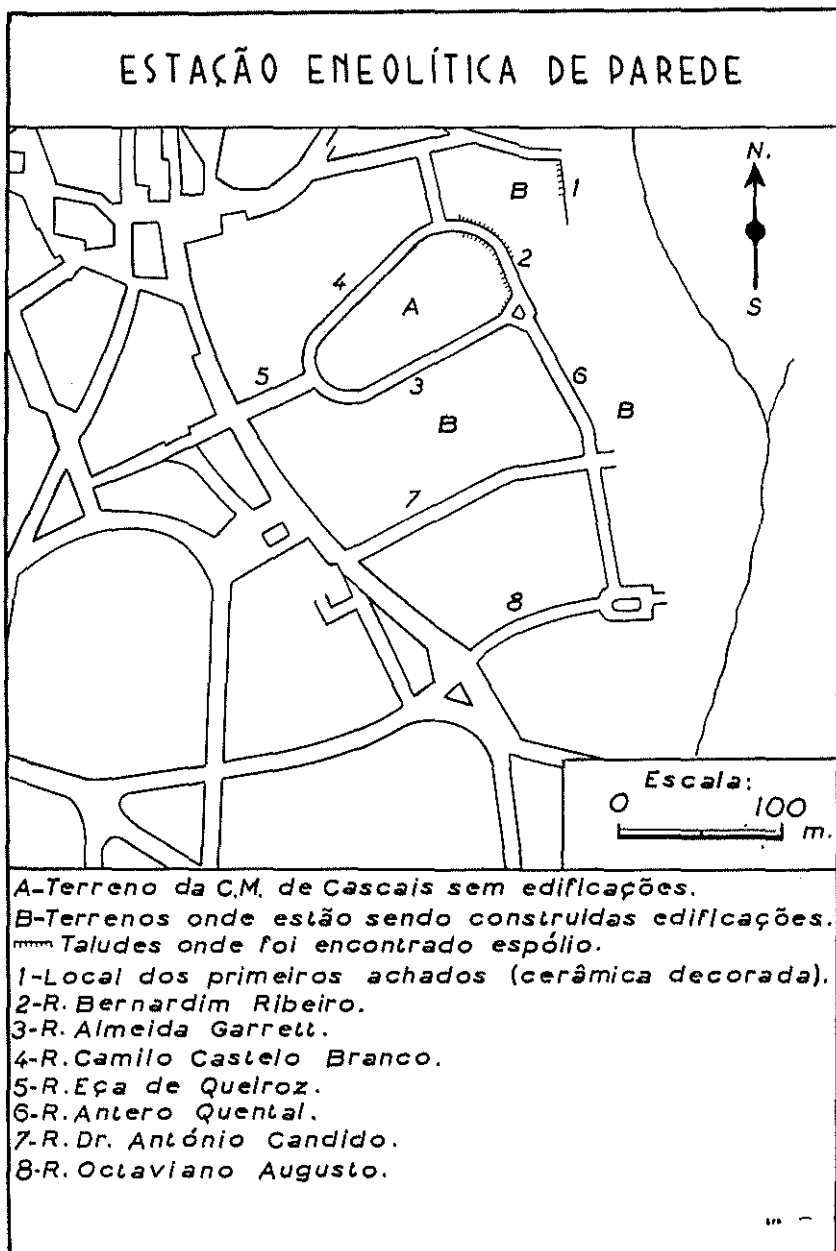
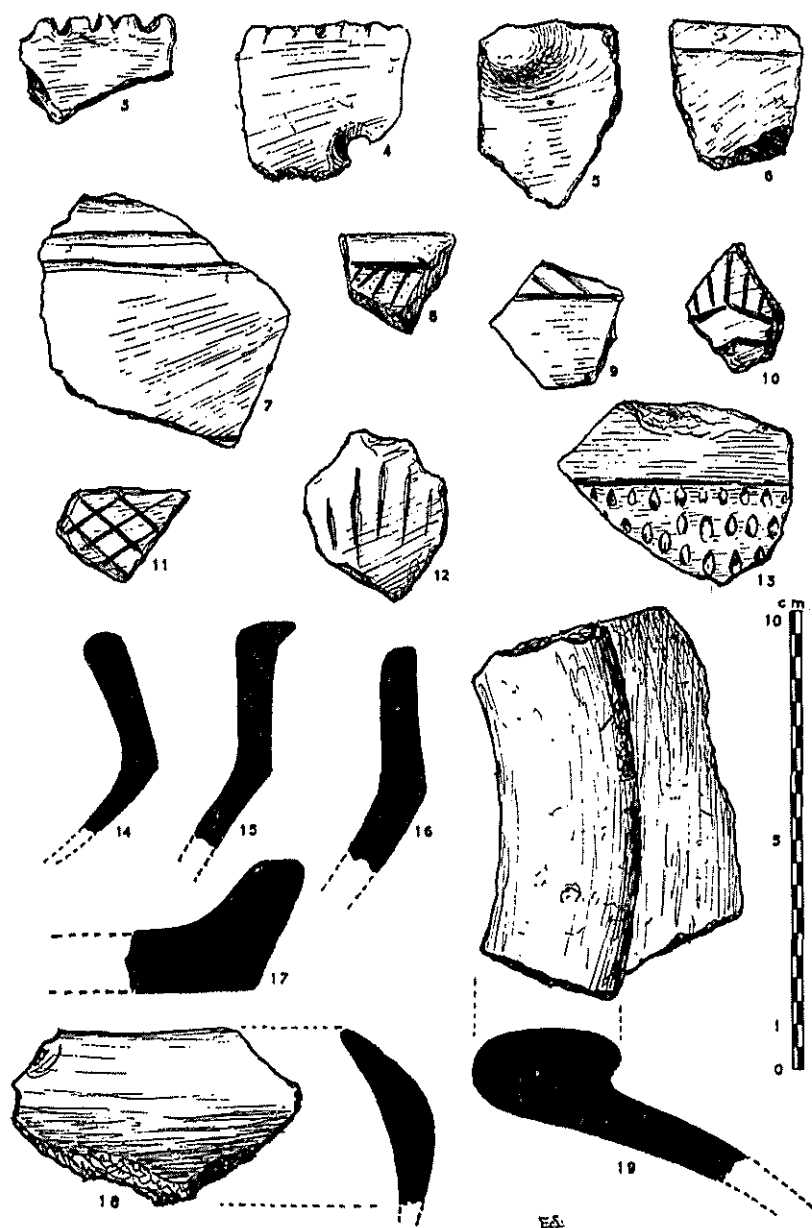




Fig. 1 — Locais — assinalados pelas setas brancas — onde apareceram os primeiros materiais arqueológicos.

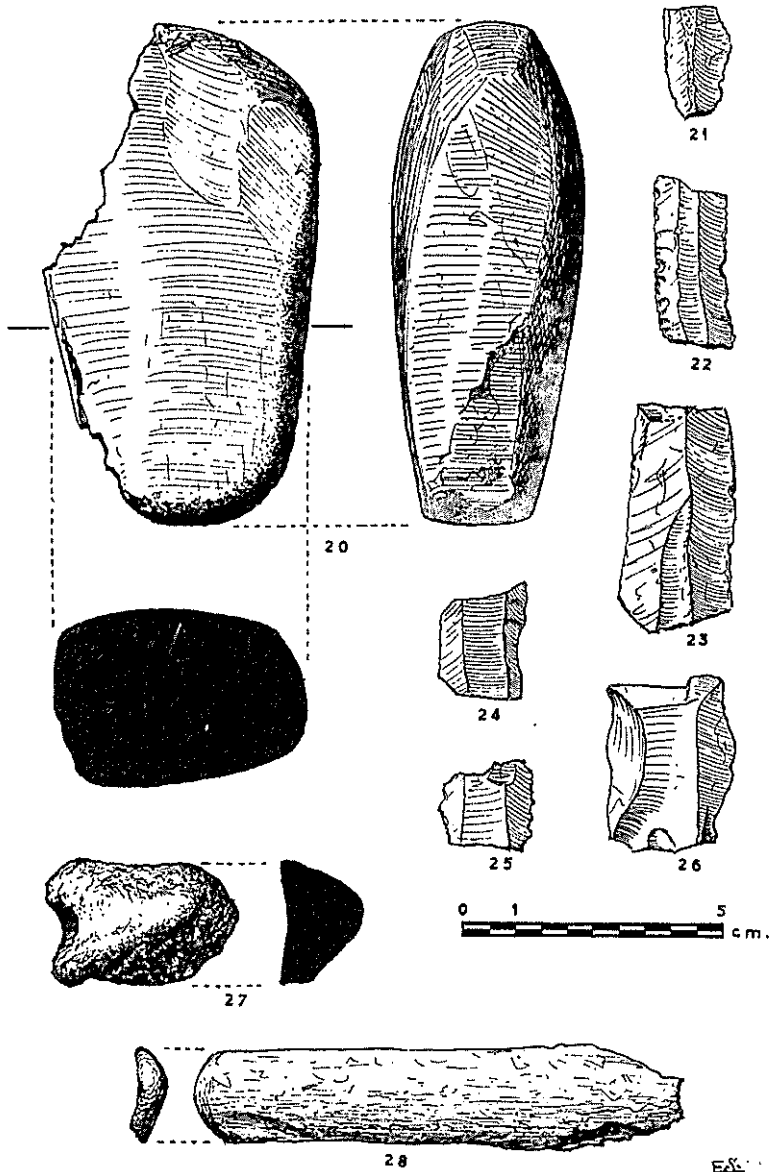


Fig. 2 — Talude N.E. do terreno da Câmara onde se pode observar a camada arqueológica (entre traços brancos).

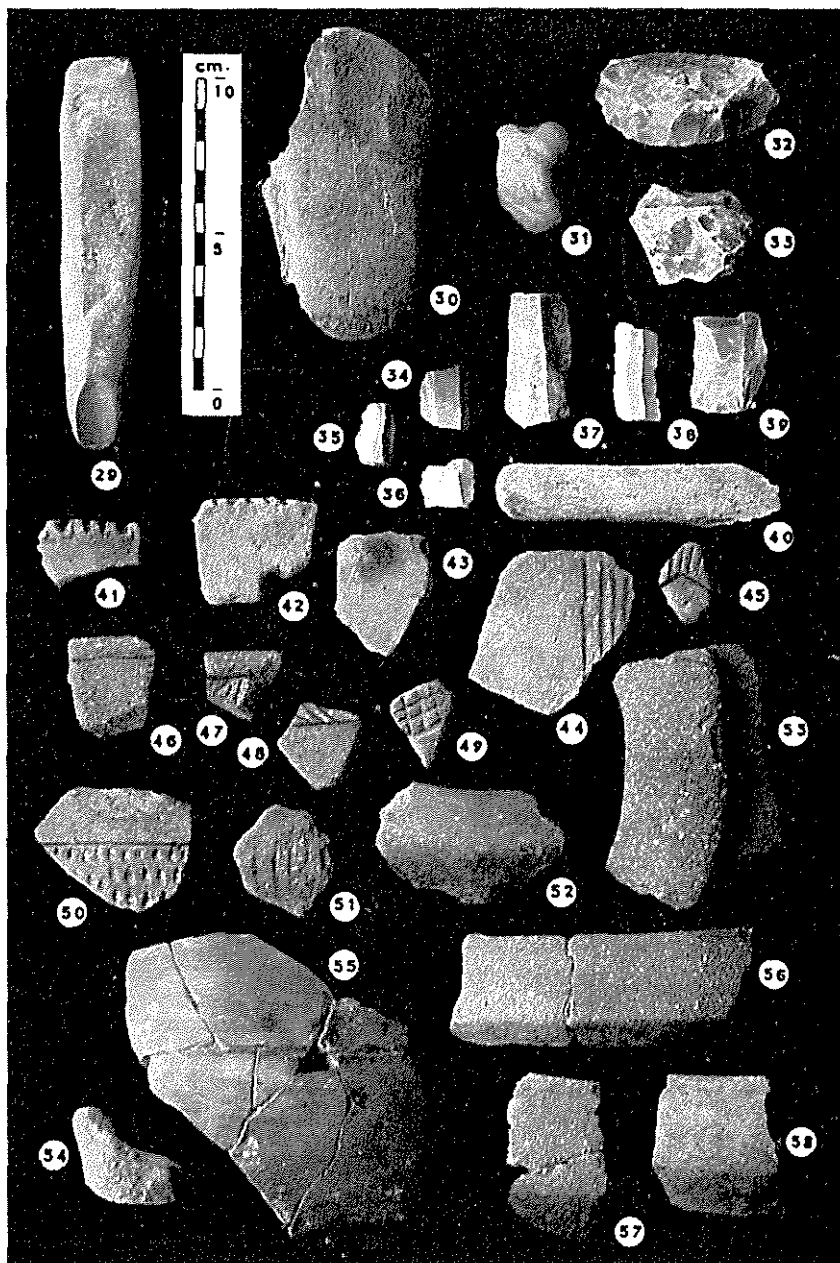


3 e 4 — Bordos denteados; 5 — Mamilo; 6 a 12 — Cerâmica com decoração incisa; 13 — Cerâmica decorada com incisões preenchidas com pasta branca; 14 a 16 — Peris carenados; 17 — Corte de fragmento de um prato; 18 e 19 — Exemplos de bordos.





20 — Machado que serviu de percutor; 21 a 26 — Lâminas de sílex; 27 — Raspador de quartzo; 28 — Fragmento de um instrumento de osso.



29 — Goiva encontrada nos arredores de Parede; 30 a 58 — Materiais arqueológicos encontrados nos taludes dos arruamentos do Bairro Octaviano e de um caminho a leste.